

FORUM – FOUCAULT E DELEUZE

FOUCAULT

A análise do discurso proposta por Foucault busca revelar e investigar as dinâmicas de poder que o constituem e sustentam. Desta forma, ele rejeita a noção de representação, pois desloca o foco do indivíduo que usa da razão para compreender o mundo à partir de sua própria subjetividade para as dinâmicas de poder que se estabelecem nas relações intersubjetivas, sociais e institucionais e que constituem subjetividades e assujeitamentos.

Foucault faz uma crítica a tendência à fragmentação da narrativa da história proposta pelos estruturalistas, como se ela se desse em capítulos estanques que se constroem a partir de uma busca por uma certa “homogeneização” dos fatos, marcados por eventos específicos e fixados no tempo, no que chama de “história assassinada”, já que se contrapõe ao próprio conceito de historicidade. Assim, critica também a oposição estrutura x devir (relacionado ao processo histórico vivo, disruptivo, sem certezas, atravessado pelos processos políticos e sociais, especialmente pelas dinâmicas de poder) oferecida pelo estruturalismo, inclusive como metodologia que visa prever o futuro à partir do passado e, à partir desta compreensão, criar, com base na racionalidade, uma forma única de organização que conduziria a uma civilização ideal. Um ideal totalitário, portanto. Foucault propõe uma mudança metodológica que contemple o processo histórico como um processo vivo, constituído por diversidade, afastamentos e aproximações, atravessamentos, fugas, rupturas e novidades. Assim, inaugura um método de análise histórica que, no meu ponto de vista, visa trazer de volta à vida, ao presente, fatos, narrativas e questões e compreender de que forma eles se relacionam, revelam e configuram modos de existência que buscamos, como pesquisadoras/es, entender.

DELEUZE

Em sua obra, Deleuze critica a razão por considerá-la uma forma de autoridade, imposição de poder e assujeitamento. Ele não nega a identidade, mas propõe que ela seja substituída pela ênfase na diferença como princípio de produção de devires. Desta forma, nega a ideia de representação nascida do pensamento kantiano em favor da ideia de uma subjetividade advinda de um inconsciente produzido pelos desejos. Para ele, a diferença fragmenta a consciência em multiplicidades, produzindo sujeitos “particulados” que se compõe, recompõe e decompõe em linhas que ora convergem, ora se afastam, invalidando, portanto, qualquer ideia de representação oriunda da racionalidade.

O texto escolhido por mim foi Introdução: Rizoma, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, extraído do livro Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Nesta obra, escrita em continuação ao Anti-Édipo (livro no qual os autores fazem uma crítica contundente à psicanálise), Deleuze e Guattari se preocupam com a construção de conceitos que possibilitem pensar a contemporaneidade. Para tal, propõem uma lógica da multiplicidade, em contraponto à lógica binária, da árvore-raiz. Para tanto, oferecem o conceito de rizoma, termo emprestado e adaptado da biologia que, para os autores, fundamenta-se nas multiplicidades que envolvem, entre outros fatores, o descentramento do sujeito: “qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo (p.4). O rizoma se dissemina em um espalhamento inerentemente heterogêneo e compõe-se de linhas que ora convergem, ora fogem, ora se rompem, compondo uma cartografia de desejos, afetos e poderes. É, portanto, uma proposta de compreensão do mundo contemporâneo e, ao mesmo tempo, de atuação no mesmo, que rejeita as representações e prioriza as subjetividades múltiplas como máquinas desejantes e produtoras de vida e devires.

Este texto complexo, que merece ser lido e relido várias vezes e que nos convida a nos deixarmos atravessar por ele, ao invés de busca-lo apreender de forma meramente cognitiva, apresenta vários outros conceitos correlatos que muito me interessam como base de meu trabalho, tanto como pesquisadora-ativista imersa no mundo, como quanto psicoterapeuta que lida com as dores cotidianas da vida na sociedade atual.

COMO FICA A EPISTEMOLOGIA?

A meu ver, o micropolítico dialoga com o macropolítico a partir das linhas de fuga, que escapam das iniciativas totalitárias e da lógica do poder estabelecido. Ao rejeitar a ideia de representação em favor da ideia de produção de sentido, permite que se rejeite, também as estruturas de poder pré-concebidas e se crie novas formas de existência mais alinhadas com a potência da vida que habita os seres humanos, buscando composições que reabilitem o desejo não como falta, mas como produção de existências, como força de afirmação da vida, como postura ética, estética e política.